

Caso: Lucy - Mesmo desiludidos, é preciso viver

Livro: Mãos estendidas, cap. 5

Autor: Luiz Sérgio

Médium: Irene P. Machado

Personagens: Luiz Sérgio, Lucy (Espíritos)

Ambiente

“Estou, neste momento, em um hospital. Vim até aqui visitar amigos recém-desencarnados e que muito precisam de um remédio – paz.” (p. 9).

Não existe olhar mais tristonho que o de remorsos, e por ali era só o que víamos.” (p. 29).

Lucy – jovem suicida

“Aproximei-me de uma jovem que se havia atirado do alto de um edifício. Ela caminhava devagar; observando-a, pareceu-me estranha: era como se ela fosse de porcelana e houvesse trincado. Nas partes em que sofrera fratura no corpo físico, apresentava ainda dificuldades de movimentos.

Sorri. Meio envergonhada, retribuiu-me o sorriso, iniciando a conversação:

– És suicida?

– Não, não sou. Aqui me encontro em estudo.

Com triste expressão, falou:

– Deve ser muito bom vir até aqui na condição de estudante.” (p. 29).

Motivos que levaram Lucy a cometer o suicídio

– Por que se suicidou?

– Fui abandonada pelo namorado e julguei que sem ele não suportaria viver.

– Irmã, há quanto tempo isso aconteceu?

– Há dez anos. O remorso me corrói o

espírito. Muitas vezes me apalpo, procurando em mim algo que possa interromper a vida. Parece-me que desde aquele terrível dia jamais minha mente cessou de trabalhar; é um desespero constante. Por mais que eu receba ajuda, sinto-me consciente a cada momento do meu gesto impensado. Como é mesmo o teu nome?





– Luiz Sérgio – falei, estendendo minha mão em sinal de sincera amizade.

– Luiz Sérgio, não sei porque não existe na Terra campanhas de esclarecimento sobre o suicídio. Fala-se tanto em aborto, em assassinato, em furto, mas ninguém se lembra de alertar sobre o pior dos crimes. Vamos até o jardim, sinto-me ainda muito cansada, lá saberás de tudo.” (p. 29). GRIFO NOSSO.

A história de Lucy

“Bem alojados sob um belo caramanchão florido, esperei pacientemente que ela iniciasse o seu relato:

–Tinha eu quinze anos quando conheci Alexandre. Foi amor à primeira vista: apaixonamo-nos, um pelo outro. Inebriados, entregamo-nos intimamente e, quando percebi, eu não era mais a querida namorada e sim a mulher da qual ele vinha se cansando. Fui ficando ciumenta, desesperada, insegura, e as minhas reclamações o cansavam cada vez mais. Um dia ameacei-o de contar tudo a meu pai. Olhando-me firmemente, redargüiu: ‘Não foste forte e cuca livre para assumir um caso? Então, tem agora dignidade para compreender que tudo acabou. Foi belo enquanto durou’. Nem podes, Luiz, imaginar o que me aconteceu. Ele tinha razão: eu não estava preparada para um entrega tão íntima. Qualquer mulher, quando chega a uma situação como essa, precisa estar despojada de preconceitos e eu sempre sonhara entrar de braços dados com meu pai em uma igreja florida e o meu príncipe me esperando no altar com o olhar de homem apaixonado.” (p. 29-30). GRIFO NOSSO.

A paixão e a falta de coragem para negar

– Então, por que você iniciou essa aventura?

– Paixão e falta de coragem para negar.

– Mas hoje, Lucy, as meninas estão indo nessa e, muitas casando-se apenas por casar. Nem sempre a orientação sobre liberdade é a correta e assim vários jovens estão se vendo presos em uma rede de remorsos. Mas, e depois? Conte, minha irmã, eu a interrompi.

– Alexandre começou a me evitar. Bastava eu chegar onde ele estivesse, para que se retirasse. Um dia fui procurá-lo em sua casa e lá encontrei uma jovem de minha idade, que me foi apresentada como sua noiva. Abafei um grito em meu peito, tal a minha dor. Quando de lá saí, só desejava morrer.” (p. 30). GRIFO NOSSO.

O suicídio e o socorro

“Chegando em casa, tomei a decisão e saltei, à procura da morte. Mas ela não existe e me vi estirada, toda moída, lá no asfalto. Perdi a noção do tempo; lembro-me apenas que uma velhinha sempre ficava ao meu lado, dando-me força através da prece: era minha avozinha. Muitas vezes desejei levantar, mas podes imaginar alguém todo quebrado? Assim era a minha triste realidade. Pensei demais, até que um dia minha avó ajudou-me a me erguer e, com dificuldade, conseguimos dali sair, chegando até um centro espírita. Graças às preces aos suicidas, recebemos um cartão que nos permitia um tratamento na própria Casa. O meu sofrimento só cessaria quando eu tivesse setenta e cinco anos, época em que estava programado o meu desencarne natural.”(p. 30).

